

MOVIMENTO INSTITUCIONALISTA E ANÁLISE INSTITUCIONAL NO BRASIL¹

NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS²

De repente, não estamos mais em uma instituição, não tratamos mais a instituição, mas somos, por exemplo, atravessados pela instituição³

Resumo

Abordamos nesse artigo a história da Análise Institucional no Brasil, remetendo-nos ao movimento institucionalista na França, às diversas correntes e referências, as quais influenciaram a composição de práticas institucionais no campo psi, caracterizadas por uma determinada escuta e intervenção que se faz problematizadora das instituições, tomando-as como produções, para além dos estabelecimentos, dos códigos, das formas e normas.

Palavras-chave: Análise Institucional - Movimento Institucionalista - Práticas Institucionais - Psicologia e Instituições.

INSTITUTIONALIST MOVEMENT AND INSTITUTIONAL ANALYSIS IN BRAZIL

Abstract

This paper discusses the history of Institutional Analysis in Brazil, considering the institutionalist movement in France, the various experiences and references, that influenced the composition of institutional practices in psy field, characterized for one determined listening and intervention that discusses the institutions, understanding them as productions: beyond establishments, codes, forms and norms.

Keywords: Institutional Analysis - Institutional Movement - Institutional Practices - Psychology and Institutions, erativas de trabalho, jornal, grupos de pacientes e técnicos, estímulo à participação no cotidiano do hospital, colocando em questão as relações estabelecidas no hospital psiquiátrico.

As práticas institucionais e a Análise Institucional têm história no movimento institucionalista que surgiu na França, nas décadas de 50 e 60, reunindo vários profissionais e pesquisadores, de diferentes áreas de conhecimento. Tinham como principal dispositivo a militância. Eram profissionais que começaram a questionar a própria prática, enquanto prática social, problematizando a ordem social. Sendo assim o movimento institucionalista não é uma teoria, mas muitas, na medida que incorpora diferentes discursos, os quais emergiam e se transformavam na crise interna das diferentes instituições e dispositivos da sociedade capitalista pós-industrial. As duas primeiras vertentes do movimento são a Psicoterapia Institucional e a Pedagogia Institucional, sendo que estas irão dar origem à Análise Institucional.

Psicoterapia Institucional

Barros (1994) refere duas linhas desta corrente, uma ligada a Tosquelles e a outra a Guattari, as quais articulam práticas diferenciadas quanto à problematização das instituições de cuidado da saúde mental.

Linha Tosquelles - François Tosquelles, Psiquiatra espanhol - que coordenara os serviços de higiene mental nos diversos "setores" do front da guerra civil

¹ Este trabalho integra parte de um capítulo da tese de doutorado *Escola Pública e Comunidade: relações em obras*, revisado para publicação.

² Professora do Departamento de Psicologia da UFSM, Doutora em Educação.

³ Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Lúcia Batista de Souza em *Análise Institucional no Brasil* (1987).

espanhola, durante a segunda guerra vai para o hospital Saint Alban, região de Lozère na França, no qual havia se constituído um foco da resistência e abrigara pensadores, artistas, psiquiatras de tendências anti-asilares. Várias atividades foram organizadas: cooperativas de trabalho, jornal, grupos de pacientes e técnicos, estímulo à participação no cotidiano do hospital, colocando em questão as relações estabelecidas no hospital psiquiátrico.

A experiência de Tosquelles é referida como o embrião da Psiquiatria de Setor que propunha a humanização dos hospitais. Em 1952 Daumézon irá caracterizar tais práticas como "Psicoterapia Institucional", mostrando a tendência de desalienação do doente mental.

Linha Guattari e Jean Oury – Oury, Psiquiatra francês, havia estado com Tosquelles e procurava instalar em La Borde, 1953, práticas institucionalizadas semelhantes às experimentadas em Lozère. Convidou Guattari para a equipe em 1955. Guattari, o qual militava desde os 16 anos em vários tipos de organizações políticas, em alguns meses havia criado na clínica múltiplas instâncias coletivas (assembleias gerais, secretariado, comissões paritárias, ateliês...). Era a primeira experiência de psicoterapia institucional em estabelecimento privado. Guattari (1992) relata que a partir da instalação dessas diversas atividades, perceberam que além da mobilização dos pacientes, teriam de criar espaços de problematização dos níveis de participação da equipe, incluindo-se nesta os serviços de apoio (cozinheiros, faxineiros...). Além da relação *atendente-atendido*, as relações no grupo de trabalho começam a ser discutidas. Nesse movimento, o qual Guattari (1992) chama de *mini-revolução interna*, esboça-se as primeiras reflexões para a proposta de Análise Institucional.

Pedagogia Institucional - Fernando Oury, Aida Vasquez, Michael Lobrot, René Lourau e G. Lapassade.

Foram influenciados pela Psicoterapia Institucional, também por uma aproximação

familiar. Fernando Oury era irmão de Jean Oury.

Fernando Oury, professor primário, integrava o movimento Freinet, o qual existia desde 1924 na França, consistindo principalmente na invenção de novos meios educativos como: o texto livre, o diário, a correspondência. Freinet levou o jornalismo e a imprensa para a escola e tais técnicas, segundo Lapassade (1983), prepararam a autogestão pedagógica.

O *Grupo Técnicas Educativas de Pedagogia Institucional* surgiu desse movimento Freinet, em 1962. Dele faziam parte Oury, Aida Vasquez e Lapassade. Em 1962 desligaram-se de Freinet por sentirem-se impossibilitados de aplicar as propostas deste, as quais estavam cada vez mais voltadas ao meio rural. Em 1964 ocorre nova divisão no grupo com duas orientações:

- *A Pedagogia Terapêutica*, de orientação Psicanalítica – representada por Fernand Oury e Aida Vasquez – esta linha dava importância à atividade criadora nas instituições e aos processos inconscientes das relações nos grupos. Com ela surgiram os conselhos de classe nas escolas, visando estimular a auto-gestão na sala de aula. No entanto, para Lapassade (cf. Coimbra, 1995), nesta linha, *não se interrogavam sobre a escola enquanto dispositivo social*.

- *A Pedagogia Autogestionária e Socioanalítica* – representada por Lobrot, Lorau e Lapassade. Tomam como base os grupos de formação (T.Group)⁴ e passam depois a *auto-regulação de grupo*, o que segundo Coimbra (1995) implicava *um grupo capaz de tomar em suas mãos não somente sua análise, mas muitas outras atividades*.

Análise Institucional

Segundo Barros (1994), Guattari propõe o termo Análise Institucional em

⁴ T.Group (Training Group) – ou Grupo de Diagnóstico – é um desdobramento das pesquisas de Kurt Lewin na área de formação, caracterizando-se pela experiência em grupo, na qual o grupo faz a análise do próprio processo e da sua relação com o coordenador (monitor na proposta de Lewin). Todo o saber sobre o grupo é construído com a participação dos membros, os quais progressivamente aprendem a analisar o funcionamento do grupo, sem a ajuda do monitor.

uma reunião com o GTPSI (Grupo de Trabalho de Psicologia e de Sociologia Institucionais) para demarcar a diferença em relação às práticas operadas com Tosquelles. Inclui-se aqui a dimensão analítica, problematizando os especialismos, em torno dos quais se organizavam as intervenções institucionais. A análise passa a ser vista como dimensão de toda experimentação social, podendo ser realizada em qualquer âmbito, por qualquer pessoa, integrante dos grupos sociais, terapêuticos, de ensino e de trabalho. Nesse momento, Guattari formula alguns conceitos⁵: transversalidade, transferência institucional, analisador, grupo sujeito/ grupo sujeitoado, alguns dos quais serão utilizados por outros institucionalistas, como Lapassade e Lourau. A intervenção se pautava pela análise do funcionamento do grupo, das práticas naturalizadas, das instituições potencializadas no grupo, de forma que este pudesse ao colocar em análise tais produções, inventar novas formas de operar como grupo. Guattari procurou com tais formulações, opor a análise institucional à psicoterapia institucional, uma vez que para ele, *a dimensão analítica nesta última, restringia-se a ser uma força exterior que coexistia pacificamente neste campo com o marxismo, a psicossociologia, a dinâmica de grupo, a terapia social* (Barros, 1994, p.338), visando apenas as "boas" relações no grupo.

Lapassade (1977) também problematiza os dois primeiros movimentos. Assim como a Psicoterapia Institucional não questiona a Psiquiatria enquanto instituição, a Pedagogia Institucional não indaga a escola como tal. As transformações são pensadas apenas no âmbito dos grupos. Mas estes são movimentos embrionários de outros que irão se compor, mais políticos, os quais colocarão as instituições em análise, remetendo-as à ordem social. O próprio Lapassade esteve inicialmente seduzido pela psicologia dos pequenos grupos, sendo o principal representante da *Psicossociologia Institucional*, corrente que se formou a partir

dessas experiências citadas acima. Mais tarde ele e outros institucionalistas farão críticas a esta, sob o argumento de que trabalhavam a organização como um grupo, enfocando as relações humanas, sem problematizar as produções sociais. Lapassade diz que propôs chamar de *Análise Institucional*⁶ em 1963, o método que visa a revelar nos *grupos*, esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento - a dimensão institucional entendida como *toda política reprimida pela ideologia das boas relações sociais* (Coimbra, 1995).

A Análise institucional se constituiu de diferentes movimentos e tendências teóricas, as quais foram compondo o movimento institucionalista francês desde o início da década de 60. Coimbra (1995) situa a institucionalização da Análise Institucional Francesa em uma terceira fase do movimento institucionalista. A primeira fase seria a da Psicossociologia Institucional, a qual se desenvolveu na primeira metade da década de 60, a partir das experiências da Psicoterapia Institucional, da Pedagogia Institucional e da crítica interna nas ciências sociais. Nesta fase também foram

⁵ Sobre a autoria do termo *Análise Institucional*, parece que Guattari também dizia ter proposto o mesmo para demarcar a diferença da psicoterapia institucional de Tosquelles e para enfatizar a dimensão analítica, a qual não se fazia presente nas primeiras experiências. Ele faz essa referência no artigo *Devir criança, malandro, bicha in: Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p.67. Neste artigo problematiza a transformação da análise institucional e dos analisadores em técnicas psicossociológicas. O artigo original em francês é de 1977 e Guattari dizia neste que havia proposto esse nome *há uns quinze anos atrás*, o que leva-nos a pensar que a autoria seria mesmo de Guattari, considerando que os principais conceitos, como analisadores, utilizados por Lapassade foram desenvolvidos pelo primeiro. Porém, Lapassade e Lourau são reconhecidos como autores responsáveis pelo desenvolvimento da proposta de análise institucional. Lourau (1995) escreveu um livro intitulado *A Análise Institucional*. As primeiras experiências no Brasil estavam referenciadas mais em Lapassade do que em Guattari, embora alguns grupos tenham articulado conhecimentos das duas correntes. De qualquer forma esta nota é apenas para pontuar tal confusão e para demarcar as fontes da Análise Institucional Brasileira, a qual irá servir-se das duas propostas. Lapassade e Lourau tiveram uma importância pela discussão sociológica, elaborando conceitualmente a proposta de intervenção institucional. Guattari, juntamente com Deleuze irão problematizar a Psicanálise, ampliando a discussão e formulando nova proposta, não mais de intervenção, mas sim uma proposta para pensar a análise como uma esquizoanálise. Dessa forma, é a análise que é posta em análise não mais as instituições.

⁶ Estes conceitos podem ser encontrados na obra *Revolução Molecular - pulsações políticas do desejo*, de Félix Guattari, São Paulo, Brasiliense, 1987.

importantes os enfoques antiinstitucionais⁷, como a antipsiquiatria e a antipedagogia, os quais tiveram seu apogeu no maio de 68 francês. Logo no início da década de 70, Ivan Illich prega a desescolarização, mostrando a escola como um grande reprodutor da sociedade de consumo.

Os enfoques antiinstitucionais irão possibilitar novas formulações, permitindo a Lapassade romper com a leitura mais psicológica e dar ênfase à leitura sociológica, o que demarcaria segundo Coimbra (1995) a segunda fase da Análise Institucional com as Intervenções Socioanalíticas, quando a autogestão é empregada como *um questionamento ao sistema atual das instituições e dispositivos sociais*, como uma *contra-instituição, revelando os elementos ocultos do sistema*. É o período da criação de diversos dispositivos de trabalho em instituições, a partir de experiências grupais, as quais colocavam em análise os atravessamentos sociais nos grupos.

A terceira fase, segundo Coimbra (1995) seria a institucionalização da Análise Institucional, na década de 70, quando os movimentos perdem força, havendo *um desinteresse generalizado pelas diferentes formas de participação e questionamentos sociais*. Haverá então uma redução de espaços a solicitarem a intervenção de analistas institucionais. Foi preciso a revisão de conceitos e é neste período que surgem os escritos sobre a história do movimento institucionalista. Lapassade (1983) questiona sobre a possibilidade de mudanças nos níveis do grupo e da organização, sem que se analise as instituições que se produzem e operam nestes âmbitos. Parece que esse momento desestabilizou também algumas certezas no próprio Lapassade. Na tentativa de abrir mais espaços ele propõe com Lourau (1977), o *Encontro Institucional*, uma

intervenção de curta duração, através de uma *crisanálise*, propondo-se a instalar *crises* na organização para que alguns setores pudessem se apropriar da análise e começar a praticá-la. Lapassade também se aproximou do Movimento de Potencial Humano, fazendo uso de algumas técnicas de intervenção, o que não impediu que fizesse crítica a esta corrente em outro momento. Das leituras que fiz, parece-me que Lapassade nesta fase se perdeu um pouco, retornando a intervenções mais funcionalistas, pelas exigências da demanda das instituições.

Esta é uma leitura dos momentos do movimento institucionalista francês, realizada por Coimbra (1995), em sua tese de doutorado. Nestes três momentos a autora vai analisando como se estruturam propostas de intervenção institucional, culminando com a institucionalização da Análise Institucional. Lapassade faz um outro tipo de divisão, acentuando o desenvolvimento do conceito de instituição. Rodrigues e Souza (1987) retomam essa discussão citando Lapassade. Em um primeiro momento instituição é entendida como estabelecimento de cuidados, mobilizando ações terapêuticas. Encontramos essa noção nas práticas da psicoterapia institucional, quando esta buscava a cura pela institucionalização dos enfermos. *Instituições são, assim, todos os Estabelecimentos ou Organizações, com existência material e/ou jurídica: escolas, hospitais, empresas, associações, etc...* (Rodrigues e Souza, 1987).

Em um segundo momento, trabalha-se com a idéia de que as *instituições* seriam dispositivos (grupos operativos, assembléias, conselhos de classe, grupos de discussão...) instalados nos estabelecimentos (escolas, hospitais, empresas...). Acentua-se aqui ainda o papel atribuído aos *especialistas*, como *peritos* em instituições. É o que predominou no enfoque psicossociológico, quando se enfatizava as relações humanas através do trabalho com grupos nas instituições, permanecendo a referência aos estabelecimentos. Também na segunda linha da Psicoterapia Institucional e na Pedagogia Institucional.

⁷ Para Lapassade (1977), são esses movimentos os quais poderiam reivindicar a prática conceitual e concreta de uma Análise Institucional, porque revelam em suas práticas que a instituição não é uma natureza, apontando seu caráter produtivo de realidade, através da naturalização de práticas que não instrumentalizam as separações que se processam na sociedade em alguns momentos históricos, como por exemplo a dos *loucos e normais*. Com o enclausuramento da loucura se institui a doença mental.

O terceiro momento para Lapassade (1977), são os movimentos antiinstitucionais, quando a noção de instituição contempla a idéia de produção, problematizando as diversas naturalizações nas práticas sociais. Podemos situar aqui as experiências de Socioanálise empreendidas por Lapassade e a fase da Análise Institucional propriamente dita.

Baremlitt (1994), quando apresenta as principais tendências do movimento institucionalista, refere: a Sociopsicanálise, de Gérard Mendel, a Análise Institucional de Lourau e Lapassade e a Esquizoanálise de Deleuze e Guattari. No entanto, no Brasil essas correntes se articulam, se misturam, de forma que hoje poderíamos falar em uma área de conhecimento chamada Análise Institucional, a qual tem sido apropriada e ampliada por profissionais, pesquisadores, predominantemente da área da Psicologia, em uma interface com a Psicologia Social e Psicanálise.

Chamamos Análise Institucional no sentido estrito àquela corrente do movimento institucionalista vinculada mais de perto às posições de R. Lourau, G. Lapassade e seu grupos de colaboradores (R.Hess, P.Ville), etc..) Ao menos no contexto brasileiro podemos falar de uma articulação estreita desta prática-pensamento com as posições de F.Guattari em direção a uma micropolítica (Rodrigues, 1992, p.45)

No Brasil a Análise Institucional encontrou espaço na Psicologia Social Crítica, a qual se nutria dos movimentos sociais. Osvaldo Saidon referia em 1987, que deveríamos buscar as fontes de *uma corrente brasileira de Análise Institucional* em Paulo Freire e sua Pedagogia do Oprimido, nos movimentos de resistência de 64 e 68, nas propostas das comunidades de base e na influência do exílio latino-americano, com sua proposição de práticas sociais no campo da Psicologia e da Psicanálise.

Coimbra (1995) refere que as práticas institucionais nos chegam através de duas gerações de autores argentinos. Uma primeira, representada por integrantes da Associação Psicanalítica Argentina, como Rodolfo Bohoslavsky, Leon Grinberg, Marie Langer divulgam os trabalhos de José Bleger e Pichon Rivière, com a proposta de uma Psicologia Institucional, a qual difere da Análise Institucional Francesa. Conforme Rodrigues e Souza (1987, p.17), a primeira *resultou da necessidade dos psicanalistas argentinos de influírem com sua prática no momento político de seu país. Constitui movimento que parte da Psicanálise para a política e que tem no trabalho com grupos, nas organizações, sua forma de intervenção por excelência.* Bleger foi aluno de Pichon Rivière, tomando como base a experiência de grupos operativos deste. Defende uma abordagem do inconsciente institucional, analisando as relações nos grupos, sob pressupostos da prevenção e psico-higiene (promoção de saúde) formulados por G. Caplan na Psiquiatria preventiva. O psicólogo para Bleger (1984) seria um agente de saúde, um técnico das relações, trabalhando com a noção de instituição-estabelecimento, sendo esta então considerada paciente do especialista. São os grupos operativos uma forma de intervenção que virou moda na década de 70 no Brasil. No entanto, segundo Coimbra (1995), enquanto na Argentina já haviam questionamentos do tipo: *que formação social, que práticas e subjetividades estamos produzindo e fortalecendo, entre nós somente na década de 80 tais questões puderam ser pensadas.*

A Segunda geração de argentinos, representada por Osvaldo Saidon, Gregório Baremlitt, Antônio Lancetti e Vida Raquel Kamkhagi, *desembarca exilada, após 1976 no eixo Rio - São Paulo, acolhendo as influências de Bleger e Pichon e uma série de implicações políticas*, (Coimbra, 1995) divulgando os princípios da análise institucional francesa. Num primeiro momento os trabalhos de Lapassade tiveram maior evidência e na década de 80 a estes se

somaram as produções de Foucault, Deleuze e Guattari.

Lapassade (1977) encontra no termo instituição um sentido ativo, de manter de pé a máquina social e até de produzi-la (vertente do instituinte) e também a vertente do instituído, o qual remete às formas universais de relações sociais, as quais nasceram originariamente em uma sociedade instituinte.⁸ Segundo Rodrigues e Souza (1987), o objetivo da *Análise Institucional* seria trazer à luz essa dialética instituinte-instituído, visando a apreender a instituição em seu sentido ativo. Algumas definições de instituição, mesmo em autores os quais já articulam *Análise Institucional* e *Esquizoanálise*, enfatizam mais a dimensão do instituído. É o que se expressa no conceito apresentado por Baremlitt (1994, p.27):

As instituições são lógicas, são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser pautas, regularidades de comportamentos.

No conceito de Lapassade (1977, p.203) também o sentido etimológico⁹ é acentuado:

FORMA que produz e reproduz as relações sociais ou FORMA GERAL das relações sociais, que se instrumenta em estabelecimentos e/ou dispo-

sitivos... E isto é a instituição, este produto da sociedade instituinte em tal momento de sua história.

Outros autores, inspirados em Deleuze e Guattari, apresentam conceitos mais fluidos de instituição. Para Rodrigues e Souza (1987, p.24) *instituição é produção, é atividade... algo não localizável empiricamente, ... uma espécie de inconsciente político que institui novas realidades, sempre dividindo, sempre separando.*

As instituições são como estátuas de areia: mostram-se fixas e desistorizadas, mas os grãos que as compõem estão, ainda que imperceptivelmente, se movimentando, os fluxos não param de se agitar; o mar está ali adiante podendo, a qualquer momento, levar os grãos de areia que compõem estas estátuas fazendo com que elas desapareçam. (Barros, 1994, p.109)

Se tomarmos as instituições como processos, nos quais *os fluxos não param de se agitar* como refere Barros (1994), talvez ainda pudéssemos falar de uma análise institucional resgatando a proposta original de Guattari, na década de 60 e atualizando-a com as formulações da esquizoanálise.

A esquizoanálise foi inventada por Deleuze e Guattari (1976) e exposta pela primeira vez no livro *O Anti-Édipo*. A idéia era problematizar a Psicanálise e o modo instituído de análise, a qual se sustentava na interpretação e na leitura do oculto, remetendo todo conflito a uma matriz das relações familiares. Questão da esquizoanálise ou da pragmática, a própria micropolítica¹⁰, não consiste jamais em

⁸ Encontramos os conceitos de Instituinte e Instituído em Baremlitt (1994, p.32). O Instituinte é entendido como momentos de transformação institucional, forças que tendem a transformar as instituições ou também aquelas que tendem a fundá-las quando ainda não existem...São as forças produtivas de códigos institucionais. O Instituinte é processo de produção. O Instituído é o produto, o efeito da atividade instituinte. São as leis, as normas estabelecidas que regulam as atividades sociais. É o estado de coisas.

⁹ Eizirik (2001, p.96), buscando o sentido etimológico do termo, refere: encontramos pela primeira vez, no século XIII, o termo *instituit*, no sentido de estabelecer, decidir (do latim *instituere*); com o nome de instituto aparece novamente no século XV, significando coisa estabelecida; no século XVII, como regra de uma ordem religiosa; em 1749, instituto de sabedoria, do latim *institutum*, aquilo que está estabelecido.

¹⁰ A análise micropolítica, segundo Guattari (1986), se situa no cruzamento entre diferentes modos de apreensão de uma problemática. Do mesmo modo que os físicos admitiram que a matéria é ao mesmo tempo corpuscular e ondulatória, Guattari propõe pensarmos as formações do desejo no campo social, considerando a coexistência de dois níveis, os quais não se opõem: um plano molar (das formas, das visibilidades, dos grandes corpos, lugar das regularidades) e um plano molecular (das forças, dos fluxos, das intensidades, como o mundo das partículas na física). Os problemas se colocam sempre e, ao mesmo tempo, nos dois níveis.

interpretar, mas apenas em perguntar: quais suas linhas, indivíduo ou grupo, e quais os perigos sobre cada uma delas. No entanto, Guattari (1988) refere que ele e Deleuze não consideravam a esquizoanálise *como uma técnica, uma ciência, baseada sobre leis e axiomas e ainda menos como um corpo de profissão que requer uma formação iniciadora! Ela só conseguirá existir nos agenciamentos particulares*. É um novo modo de pensar a vida e as práticas sociais., podendo ser exercida por qualquer pessoa. Sendo assim, um líder comunitário que potencializa formas diversas de participação e organização em sua comunidade pode ser considerado um esquizoanalista.

A expressão esquizo esteve sujeita a confusões com o processo do esquizofrênico. Guattari (1987) pontua que nunca ele e Deleuze falaram de identificação entre o analista e o esquizofrênico:

Nós dissemos que o analista, tanto quanto o militante, o escritor ou quem quer que seja, está mais ou menos engajado num processo esquizo... Nós não dissemos que os revolucionários devessem identificar-se com os loucos que estão girando em falso, mas sim que deviam fazer seus empreendimentos funcionarem à maneira do processo esquizo. (Guattari, 1987, p.83)

Guattari (1987) refere-se à idéia de ruptura presente no processo esquizo, de poder potencializar modos de existência, romper com a ordem dada, com as representações, deixando-se derivar no processo. E é nesse sentido que segundo ele, o trabalho do analista, do revolucionário, do artista podem se encontrar.

A Análise Institucional no Brasil constituiu-se sob esse fundo múltiplo dessas diferentes correntes, mesmo que uma ou outra se ache mais enfatizada. No Rio Grande do Sul recebemos a produção argentina e as composições do eixo Rio - São Paulo. Durante alguns anos tal como no centro do país, Bleger e Pichon Rivière foram referências fortes, predominando as práticas

da psicologia institucional. Lapassade nos foi apresentado pela obra Análise institucional no Brasil publicado em 1987, reunindo trabalhos de profissionais, os quais já articulavam leituras deste com Deleuze e Guattari, sendo que os últimos se fizeram mais presentes entre os gaúchos na década de 90, especialmente no período de 94 a 97 quando muitos encontros se realizaram com Suely Rolnik, Rogério Costa, Peter Pelbart, Regina Benevides de Barros nas universidades, em espaços clínicos e de formação¹¹, os quais têm divulgado a filosofia de Deleuze, Guattari, Nietzsche e Foucault.

Ainda preferimos falar em Análise Institucional, apesar de todos os perigos advindos da institucionalização desta, como afirma Coimbra (1995). Guattari (1987) queixava-se das palavras gastas, do fato dos especialistas provocarem rapidamente a tecnicização da proposta. Porém a realidade francesa não é a mesma nossa. Para nós o que vingou foi a Análise Institucional, mesmo com todo o ranço dos especialismos. Foi com a Análise Institucional que podemos problematizar as nossas implicações, os nossos lugares de especialistas. Como propõe Coimbra (1995) não precisamos sair do lugar de especialistas, mas sim ao ocupar esse território, fazermos em primeiro lugar a análise do que produzimos, do que instituímos, uma análise das instituições em nós e fora de nós. As instituições continuam a operar fortemente na subjetivação. Ainda somos atravessados por instituições, mesmo que ampliemos nossos conceitos para territórios ou territorializações. Sempre existirão as instituições enquanto estabelecimentos e ainda hoje estamos muito grudados a estas, precisamos estar institucionalizados, ainda buscamos territórios referenciais. A escola vai mal, é questionada, mas ainda não se aceita que as

¹¹ Espaços, os quais têm se constituído nos últimos anos, reunindo profissionais, psicólogos, educadores seduzidos por estes autores. Poderíamos dizer que esses grupos são hoje as diversas dobrás do Instituto Pichon Rivière de Porto Alegre, instituição que há muitos anos vem formando psicólogos grupais e institucionalistas. Entre os grupos mais recentes temos: Oficina Psi, Intersseção, Tivemos o Espaço de Vida, o qual organizou seminários sobre Deleuze e Guattari entre 95 e 96 com Rogério Costa e Peter Pelbart.

crianças não passem por esta. Se a escola acabar, outras instituições tomarão seu lugar. São as nossas linhas segmentárias. O que precisamos é inventar micro-análises, procurando fazer a escuta não só das formas, mas também dos fluxos, análise do movimento, das relações de forças que compõem as instituições, sejam elas estabelecimentos, instituídos, ou forças produtoras de subjetividade.

Referências Bibliográficas

1. BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
2. BARROS, Regina Duarte Benevides. *Grupo: A Afirmação de um Simulacro*. São Paulo: PUC/SP, 1994. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica.
3. BLEGER, José. *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
4. COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Guardiães da Ordem*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
5. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
6. EIZIRIK, Marisa Faermann. *Educação e escola: a aventura institucional*. Porto Alegre: AGE, 2001.
7. GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
8. GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
9. GUATTARI, Félix. *O Inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Campinas-SP: Papirus, 1988.
10. GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
11. LAPASSADE, G. *El Encuentro Institucional*. In: LOURAU, R. et al. *Análisis Institucional y Socioanálisis*. México: Nueva Imagem, 1977.
12. _____. *Grupos, Organizações e Instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
13. LOURAU, R. et al. *Análisis Institucional y Socioanálisis*. México: Nueva Imagem, 1977.
14. LOURAU, René. *A Análise Institucional*. Trad. De Mariano Ferreira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
15. RODRIGUES, Heliana B.C. & SOUZA, Vera L.B. *A Análise Institucional e a Profissionalização do Psicólogo*. In: SAIDON, O. & KAMKHAGI, Vida R. *Análise Institucional no Brasil - Rio de Janeiro: Espaço e Tempo*, 1987, pp. 17-35.
16. RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Psicanálise e Análise Institucional*. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; LEITÃO, Maria Beatriz Sá; BARROS, Regina Benevides de. *Grupos e Instituições em Análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, pp. 42-55.
17. SAIDON, Osvaldo e KAMKHAGI, Vida Rachel (orgs.) *Análise Institucional no Brasil: favela, hospício, escola, FUNABEM*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1987.